

1. Significado do capítulo

A *Ratio Formationis* tem por objetivo reforçar, durante todo o processo formativo, a nossa identidade carismática específica, ou seja, os valores compartilhados por todos, que, por sua vez, com fidelidade criativa, devem ser encarnados nos multiformes contextos culturais.

O texto da *Ratio* será dividido em três capítulos: o primeiro apresenta a figura de São Francisco; o segundo, as cinco dimensões constitutivas de toda *Ratio Formationis* do ponto de vista eclesial; e o terceiro, as diversas etapas que constituem o processo formativo.

O capítulo primeiro tem como objetivo específico o de dar fundamento ou, em outras palavras, dar cor e sabor carismático ao conjunto das cinco dimensões que, por sua vez, estarão presentes em todas e em cada uma das etapas da formação.

2. Estilo, estrutura e metodologia

Redigir um texto que entrelace a história de Francisco com a nossa, tendo como pano de fundo a vida de Jesus, e que busque iluminar o presente e o futuro da nossa formação, não é tarefa fácil.

Evitamos usar esquemas hagiográficos padronizados e preferimos uma abordagem mais narrativa, *circular e gradual*, que, partindo da dinâmica da *inter-relação*, ponha em evidência as contribuições da pessoa de São Francisco à cultura atual.

O *silêncio*, o *encontro*, o *desejo* e o *Cântico* são os quatro eixos que articulam, através de um texto narrativamente sóbrio e suficientemente denso, os núcleos fundamentais da nossa espiritualidade franciscana, com a finalidade de dar força carismática a todo o texto da *RF*.

3. O que queremos

O presente texto não tem por finalidade narrar a vida de São Francisco detalhadamente, nem a pretensão de ser uma apresentação completa dela. A sua vida, como a de qualquer ser humano, é um mistério inesgotável e fonte de inúmeras interpretações, a maior parte delas, válidas e complementares.

Não se trata de um texto fechado e definitivo. Queremos que seja um texto coletivo, fruto das sugestões e das intuições de todos os irmãos. A redação final, como a de todo o resto da *RF*, será concluída apenas no próximo Capítulo Geral de 2018. Até lá, o texto ficará sempre em aberto.

Não se trata nem mesmo de um texto pensado por e para um determinado grupo de frades: os destinatários somos todos nós. Entre nós, há diferentes sensibilidades, e isto nos faz conscientes da impossibilidade de apresentar um documento que agrade a todos. O nosso desejo é que São Francisco nos impulse a continuar a refletir e a avaliar tanto a nossa vida pessoal, como a vida da nossa fraternidade.

4. Chaves de leitura para compreender o texto

Antropológica: *A forma de vida do Santo Evangelho* ilumina as nossas buscas de sentido e nos torna livres e responsáveis na tarefa irrenunciável de construir, com autenticidade, o próprio caminho pessoal.

Cristológica: Jesus de Nazaré se constitui como base, a partir da qual se interpreta tanto a vida de Francisco como a nossa. Mesmo que desejemos apresentar a vida de São Francisco, o protagonista principal é Jesus. A nossa *identidade* se constrói partindo de seu *seguinto*.

Franciscana: Por décadas, era possível nos aproximar do “santo” Francisco sem ter presentes as ricas nuances do processo humano-espiritual de sua conversão. Em sintonia com os esforços das pesquisas atuais, sem esquecer “*São Francisco*”, desejamos privilegiar o encontro com o “*irmão Francisco*”.

Capuchinha: Também a hermenêutica da reforma capuchinha propõe uma sua leitura da figura de São Francisco. Os nossos primeiros irmãos se propuseram retornar às experiências mais íntimas e evangélicas vividas por Francisco, e tomaram o Testamento – o texto que melhor conserva a sua memória afetiva – como ponto de referência; por isso, desde os inícios, foram conhecidos como os *frades do Testamento*. Também para o presente texto da *RF* o Testamento constitui a referência fundamental.

Viver segundo a forma do Santo Evangelho

1. Viver é o único modo para aprender a viver. As experiências e os encontros que fazemos em nosso caminho constituem um processo dinâmico que forma a nossa própria identidade. Construir a si mesmos é um desafio apaixonante, não isento de dificuldades. Todavia, nós, cristãos, temos um modelo: Jesus, que, percorrendo as veredas da nossa humanidade, chegou à plena consciência da própria divindade. O Filho, fazendo-se nosso irmão, revela a nossa meta última e definitiva: sermos irmãos para chegarmos a ser também filhos de Deus. A fraternidade é o caminho. Francisco permanece fascinado pela humanidade e humildade do Deus Altíssimo que, em Jesus, se faz pobre e crucificado. Por isso, faz do Evangelho a nossa *forma de vida*: sermos irmãos para sermos mais humanos e, como Jesus, testemunhá-lo na autenticidade da nossa vida vivida em fraternidade.

I. O SILÊNCIO

*Sumo, glorioso Deus, ilumina as trevas do meu coração
e dá-me fé direita, esperança certa e caridade perfeita,
(bom) senso e conhecimento, Senhor,
para que faça teu santo e verdadeiro mandamento.*

2. Bem-aventurados aqueles que escutam o silêncio: seus olhos se enchem de luz e seus passos se direcionam rumo às profundidades do coração. Quem se deixa tocar pelo silêncio coloca-se em relação mais profunda com o mundo, abre-se à paz e vive de modo mais autêntico.

No silêncio se intui a presença do Mistério e se aprende que, para deixar-se encontrar por ele, é necessário buscar a si mesmos, zelando pelo espaço interior, que ultrapassa os limites do que é superficial e permite uma relação fecunda com os outros: neles, descobrimos também quem somos nós. O silêncio é fonte de desejo, diálogo, beleza e, quando se torna contemplação, é ocasião para acolher o sussurro da voz de Deus.

I.I. O significado

3. Deus, amando, cria o ser humano e o convida a viver, doa-lhe a liberdade, dando-lhe desta maneira a capacidade de construir a si mesmo. Esta lógica da criação nos ensina que viver consiste em assumir a responsabilidade do caminho, em dar forma à própria existência, buscando descobrir a nossa vocação: o que o mundo está esperando de nós, o dom que o Criador nos dá. A vida é dom e exigência.

4. O coração do Evangelho é a forma de vida de Jesus, que escolheu não consumir a própria existência em benefício próprio, mas vivendo para os outros. Nele, descobrimos que a vida consiste na arte do encontro. Jesus, abrindo-se a Deus e fazendo de si mesmo uma porta aberta ao encontro com os outros, ensina-nos qual é o paradoxo do cristão: possuir a vida consiste em doá-la.
5. Quem não gostaria de ser um grande cavaleiro? Em sua juventude, Francisco não sonha com outra coisa: ser o maior, o mais poderoso, o mais admirado. Parece-lhe que tem todas as respostas, até que um dia se encontra diante da guerra e experimenta o sofrimento e a sombra da morte. Os sonhos se transformam em pesadelos. Cai prisioneiro na batalha de Collestrada e, no cárcere de Perúgia, descobre que o mundo não é como ele pensa, que existem muitas coisas escondidas sob a superfície da vida, e também do seu coração. À experiência do cárcere segue a doença, a crise e a perda de significado: diante dos olhos, são-lhe previstos apenas conflitos e inimigos, fragmentos de um mundo fracassado. Sente-se perdido.
6. Quando as coisas perdem significado, a vida se preenche de medos que se apropriam de nós e nos impedem de saber quem somos. Assim, surgem sentimentos que não conhecíamos e que ofuscam nosso caminho: a ânsia de poder, o desejo desordenado de competição, a tentação da exclusão. A falta de significado se torna solidão, e esta, transformada em egoísmo, impede-nos de ver quem somos. Contudo, no fundo do coração humano, sempre se esconde o desejo de Deus. Devemos nos colocar em movimento e jamais cessar de buscar.

I. II. A busca

7. O homem descobre quem é quando se lança (coloca-se) a caminhar. A itinerância (o movimento ao exterior e ao interior, o contato com outras pessoas, outras culturas e outras ideias) pertence ao aspecto mais profundo da condição humana. É esta postura que nos mantém atentos diante do conformismo e da acomodação, dos quais Deus, seduzindo-nos com o dom de uma vida sempre nova e aberta, nos protege.
8. Seguir Jesus significa viver como Ele viveu: anunciando o Reino de Deus, estando sempre em caminho. O modelo de vida itinerante nos concentra naquilo que é fundamental. A nossa tradição franciscana nos convida ao seguimento de Cristo pobre e despido, e nos faz descobrir que a pobreza liberta daquilo que é supérfluo, e sua nudez nos introduz no mistério da verdade.
9. A vida de Francisco é cheia de perguntas: por que os homens se matam uns aos outros? Por que a pobreza e a exclusão? Por que o sofrimento? No caminho rumo à Apúlia, em uma segunda tentativa de se tornar cavaleiro, um sonho o desperta: *a quem queres servir: ao servo ou ao Senhor?* Francisco compreende que quem foge de si mesmo jamais pode encontrar-se. Deve abandonar a sua armadura, descer de seu cavalo e de seu orgulho, passar-se por covarde e fracassado, e voltar a começar. Discernir o significado daquele sonho de Espoleto irá ocupá-lo por toda a vida.

10. Viver significa tentar sempre de novo. O horizonte permanece aberto para recordar-nos que o significado da vida se constrói passo a passo, que o caminho é cheio de pegadas que desvelam uma parte do mistério. É nossa tarefa ir em busca com paixão e caminhar com confiança.

I. III. O mistério

11. O mistério é a parte ainda não alcançada da realidade. Por detrás daquilo que se vê, há muito mais. Nem tudo o que existe pode ser contado nos dedos da mão, nem toda a verdade pode ser encerrada em um livro. O homem fracassou na tentativa de reduzir a existência às forças da própria razão. Do mesmo modo, a fé não está isenta do perigo de construir imagens idolátricas de um deus na medida das nossas necessidades.

12. Para não cair nesta tentação, é necessário confrontar a nossa experiência com a experiência que Jesus teve de Deus. É o que vemos no Evangelho: os encontros, as palavras e o silêncio, por meio dos quais Jesus adentra no Mistério de Deus. Nele, descobre um amor incondicionado e gratuito, sempre aberto.

13. Não sem sofrimento, Francisco deve abandonar as próprias imagens de Deus. Para trás, permanece o deus que arma cavaleiros os fortes, que justifica o poder de poucos, que aniquila quem pensa de maneira diferente, que alimenta o ódio diante do inimigo. É então que experimenta a escuridão da noite, a solidão e a ausência de Deus. No silêncio e através das criaturas, Francisco começa a intuir a presença do Criador.

I. IV. A beleza

14. O ser humano apresenta uma atração natural por tudo o que belo, porque o encontro com a beleza ajuda a superar a experiência da fragmentação. A beleza do mundo nos abre a uma relação de interdependência, que nos torna necessários a todos e irmãos de todos. Por isso, não se trata de algo superficial: o contato com a autêntica beleza nos permite conhecer quem somos e o que fazemos na vida.

15. Se observarmos bem, veremos como o Evangelho também nos fala da relação de Jesus com as criaturas: nelas, ele encontra um lugar para contemplar Deus. A descoberta que Jesus faz da beleza do mundo – a harmonia dos seres, a sua absoluta dependência de Deus – ajuda-o a construir um mundo fraterno que está próximo a tudo o que existe. A forma de vida de Jesus é a beleza mais plena: a sua autenticidade, a sua liberdade interior, as suas mãos sempre abertas, os seus olhos cheios de misericórdia e ternura. A sua é a vida mais bela. Quem não gostaria de ser como Jesus?

16. Francisco, leitor do Evangelho, é também leitor da Criação. Nas páginas do livro da Vida, ele lê o desejo que Deus tem de entrar em relação com todas as criaturas; em cada uma delas, descobre

os diversos modos nos quais Deus se faz presente e, junto com elas, torna-se testemunha fascinada do Deus Criador, ao qual se dirige dizendo: *Vós sois beleza.*

II. O ENCONTRO

*Que não haja nenhum frade no mundo,
que tenha pecado tanto quanto puder pecar
que, depois que tiver visto teus olhos,
nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia*

17. Homem nenhum é uma ilha. Deus nos criou únicos e irrepetíveis, mas não autossuficientes. O individualismo (a tentação de reduzir a realidade à própria realidade pessoal) destrói a capacidade de relação e, transformando o outro em objeto de autoafirmação e domínio, impede a autêntica realização da pessoa. A interdependência exige reconhecer a diversidade do outro e acolhê-la como dom e riqueza. Sem relações livres e abertas, a vida carece de significado, porque é na descoberta da alteridade que se constrói a própria identidade.

Os encontros são as experiências mais importantes da vida de Francisco. Nada acontece por acaso, mas tudo acontece em tempos e lugares concretos: Francisco, quando está buscando a sua estrada, é conduzido às periferias de Assis. Fora dos muros da cidade, na pequena ermida de São Damião, pode ouvir melhor a Palavra e, partindo dela, encontrar-se com os leprosos e seguir Cristo pobre e nu.

II. I. A Palavra

18. No Evangelho, Francisco encontra a sua maneira de viver. Não inventa nada, mas descobre que se trata de viver como viveu Jesus: *o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho* (Test 14). Jesus, como pregador itinerante, anuncia a boa nova do Reino: o amor gratuito de Deus que não exclui ninguém. Precisamente, o Evangelho – o livro que narra os encontros de Jesus, a maior parte com pobres, doentes e excluídos – nos propõe, como centro de vida, a capacidade do encontro. As Bem-aventuranças (Mt 5, 3-2) e o convite à misericórdia (Mt 25, 31-46) resumem bem em que consiste o encontro com o mundo ao qual Jesus nos chama.

19. A Francisco, basta o Evangelho, ele vive *nas e das Escrituras, e habita nelas como na sua casa* (2Cel 104): esta é a característica vital de referência e de discernimento daqueles que seguem Jesus. Ele se faz presente em meio a nós cada vez que fazemos memória da sua Palavra, quando, partindo das suas palavras, procuramos iluminar a nossa vida. O próprio Francisco, enamorado das palavras de Jesus, alerta seus irmãos para a tentação de revestir a palavra nua e simples do Mestre, e nos convida a viver evangelicamente e sem glosas.

20. Em Francisco não vemos um *ouvinte surdo do Evangelho*, mas um homem que busca levar tudo adiante diligentemente (1Cel 22). Dele aprendemos que a Palavra de Deus pode ser entendida na sua profundidade somente quando se põe em prática, que viver dela gera um novo estilo de relação: a fraternidade. Viver como irmãos é o espelho dos valores do Reino, o seu anúncio mais belo, a forma mais autêntica de compartilhar o desejo de Deus. A acolhida fraterna da diversidade constitui o modo mais credível de contemplar e narrar a história do nosso Deus, que se faz menor e irmão no mistério da encarnação do Filho.

II. II. O leproso

21. Arriscar-se em pôr o próprio coração na miséria humana do outro: esta é a dinâmica da misericórdia. Algumas feridas da guerra marcam a memória afetiva de Francisco até o fim. O olhar suave da misericórdia de Deus o ajuda a conhecer, acolher e integrar as próprias cicatrizes e as próprias sombras. Somente quem experimentou a misericórdia pode praticá-la. Trata-se de algo que muda completamente os nossos modos de relação: do juízo e da acusação que geram culpa, somos conduzidos rumo à simpatia e à compreensão que convidam à responsabilidade. Compartilhar a vida com os leprosos é uma autêntica escola para Francisco. A partir daquele momento, gratuidade e misericórdia serão os fundamentos do novo projeto de vida evangélica inspirado pelo próprio Deus.

22. *Parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo* (Test 2-3). Por muito tempo, Francisco se sente inseguro diante dos leprosos e se protege: constrói muros, distancia-se deles, esconde-se. Não se trata do medo do contágio físico, trata-se de algo mais profundo, é o medo de incorrer na mesma sorte do leproso: não ser aceito, ser excluído, não ter nenhum direito, não ser conhecido e amado por ninguém. Ser invisível: não ser nada nem ninguém, não pertencer a ninguém.

23. Francisco beija o leproso, ainda que beijar signifique deixar-se beijar. Não se trata de um ato de pura vontade para superar a repugnância. O seu beijo é expressão de uma experiência afetiva sincera, que acaba erradicando os medos e muda o próprio universo afetivo. Tudo começa a ter um outro significado: o amargo se faz doce, realiza-se a passagem da necessidade de ser conhecido pelos outros a ter um bom conhecimento de si mesmo. Graças aos leprosos, Francisco começa a conhecer-se, e experimenta o significado da gratidão. Beijar o Evangelho ou beijar um leproso é a mesma coisa, perceber a palavra de Jesus e perceber o grito da carne daqueles que sofrem é a mesma coisa: aquele que fala e aquele que beija é sempre Jesus.

24. Em meio aos leprosos, longe de qualquer falsa segurança, surge a autêntica segurança interior. É o paradoxo evangélico: quanto menos poder, maior a liberdade. Lá onde não há nada a perder, da mão da gratuidade nasce a autêntica segurança. Francisco aprende aqui uma outra lição decisiva

que caracterizará a existência sua e a de seus irmãos: a incompatibilidade entre fraternidade e poder. Quem quiser ser frade menor deve renunciar a qualquer tipo de domínio.

II. III. O Filho, pobre e desnudo se fez nosso irmão

25. Jesus, despido e crucificado, vive na ermida semidestruída de São Damião, em meio aos leprosos, e, em quem o contempla, suscita proximidade e solidariedade. Não é o juiz que julga e condena, mas o irmão que compartilha as nossas dificuldades. *Nasce pobre, vive mais pobre e morre paupérrimo e nu na cruz.* Não reserva para si a sua condição de Filho, mas, ao contrário, faz-se nosso irmão, mostrando-nos que a fraternidade é o melhor caminho para descobrir Deus.

26. Francisco quer seguir mais de perto Jesus, percorrendo, passo a passo, de Greccio (experiência do presépio) até o Monte Alverne (experiência do Calvário), todas as etapas da sua vida. O seguimento do Mestre ocupa sempre o centro: *Tinha Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros* (1Cel 115).

27. O amor, não o pecado, é o centro do mistério da encarnação. O Altíssimo e Onipotente misteriosamente se apresenta a nós como Baixíssimo e despido de qualquer poder. Deus é dom total, dedicação absoluta. Não reserva nada de si para si mesmo. A cruz, *Árvore da Vida*, recorda-nos o empenho de Jesus pela justiça e pelos excluídos: identifica-se com eles de modo tal que acaba como eles: pregado num madeiro, como um amaldiçoado fora da cidade. A sua vida e a sua morte dizem claramente que Deus não faz parte de um sistema que exclui. É isso que nos ensina a Ressurreição: a palavra definitiva de amor que Deus pronuncia sobre a vida de Jesus. Assim a compreende Francisco.

II. IV. Os pássaros e as flores

28. O grande obstáculo para o seguimento de Jesus é o medo, que consiste em levar no presente um mal que pensamos que possa nos acontecer no futuro, permanecendo assim bloqueados para seguir adiante. O contrário do medo é a confiança: a afirmação serena e alegre do presente que nos encaminha rumo ao que está por vir. *Olhai os pássaros dos céus* (Mt 6,26)... *Olhai os lírios do campo* (Mt 6,28). Pássaros (símbolo da liberdade) e flores (imagem da providência) são propostos por Jesus como modelos do discípulo confiante, aquele que se sente sustentado pela bondade de Deus e busca viver a profundidade de cada momento.

29. Em Francisco, é-nos revelado um novo modo de ser santo. Enamora-se das flores, fala com os pássaros e tem encontros próximos com as criaturas; sente-se, em seu meio, um deles. Ao invés das pedras dos espaços fechados, ele prefere o claustro do mundo, cheio da cor das flores, que testemunham a beleza do Criador, e da música dos pássaros, que cantam a glória de Deus. Cansado dos discursos vazios de experiência, Francisco aprende dos lírios e dos pássaros um

novo modo de falar, uma palavra livre e gratuita, confiante e capaz de convidar à confiança absoluta no Senhor.

III. O DESEJO

*Nada mais, portanto, desejemos,
nada mais queiramos, nada mais nos agrade e deleite
a não ser o Criador (RNB, 23)*

30. A busca de sentido desperta o mundo do desejo. Trata-se de uma chave que põe em ato todo o nosso ser, lançando-nos ao encontro com a realidade. O desejo se reveste sempre de experiências concretas, mantém-nos atentos à força da vida, conecta-nos a Jesus, impulsionando-nos a compartilhar seus sentimentos, a sermos como ele. Francisco, *homem de desejos*, permite que Deus transforme o seu desejo de ser cavaleiro em um desejo ainda mais alto: ser como Jesus.

III. I. O olhar

31. *Parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos* (Test 1). Desviar o olhar e permanecer cegos é sempre uma tentação. Quem pode dissipar a tendência que temos em olhar somente a nós mesmos? A conversão consiste precisamente em mudar o nosso modo de olhar, passando da indiferença à compaixão e permitindo que o que vemos nos toque e nos transforme.

32. Para Deus, ninguém é invisível: Ele *vê* os pobres e *escuta* seu lamento, transforma-os na pupila dos seus olhos. Deus nos *vê* através deles. São os paradoxos do Evangelho: somos vistos por aqueles que não queremos ver. Somente quando Francisco se deixa ver pelos olhos do Deus dos leprosos, é capaz de abrir os seus próprios olhos e aprender a ver.

33. O Cristo de São Damião, em cujos olhos abertos Francisco mantém seu olhar, transforma-se no espelho no qual Clara nos convida a olhar. Em seus olhos, os nossos se enchem de misericórdia. No modo de olhar de Jesus, passamos do silêncio à escuta, da solidão à solidariedade, da contemplação à compaixão. Assim inicia o processo de transformação dos nossos desejos: começa-se a olhar as coisas como Jesus e se termina por *vê-las* como ele. Mais: termina-se por ser um outro Jesus. E mais ainda: você mesmo se transforma em outro espelho, e quem o *vê*, *vê* Jesus.

34. A contemplação convida ao seguimento, e o seguimento à contemplação. Ambas as realidades dão força ao significado da nossa vida de irmãos. Juntos, do espaço de fraternidade, de maneira profética, prolongamos o olhar de Deus sobre o mundo, denunciando o que é injusto e transformando-nos em testemunhas da esperança e da alegria do Evangelho.

III. II. A fraternidade

35. *O Senhor me deu irmãos* (Test 14). A Francisco foi revelado que, para poder viver como Jesus, são imprescindíveis os irmãos. Deus nos criou diversos e irrepetíveis, únicos. A fraternidade não nega a individualidade; ao contrário, protege-a do individualismo; não destrói o indivíduo, mas o enriquece, dando-lhe um espaço mais amplo. A nossa identidade de irmãos se constrói somente partindo-se da relação.
36. O projeto de Clara e de Francisco consiste em seguir Jesus como irmãos e irmãs, através de estilos diferentes e complementares. Enquanto Francisco recupera o modelo de itinerância e de pregação dos primeiros discípulos, Clara se concentra na escuta e no serviço a Jesus segundo o estilo de Marta e de Maria na casa de Betânia.
37. A nossa identidade carismática se exprime no modo de viver as relações. A pobreza nos faz pôr ao centro aquilo que é fundamental, evitando que as coisas materiais se transformem em obstáculos entre nós: *E aqueles que vinham para assumir esta vida davam aos pobres tudo o que podiam ter; e estavam contentes com uma só túnica, remendada por dentro e por fora, com o cordão e calções. E mais não queríamos ter* (Test 16-17). Todos os frades são iguais: todos têm o dever de trabalhar com as próprias mãos, a pregação não é exclusiva dos clérigos, o lugar de origem não importa.

A fraternidade garante a liberdade e favorece a gratuidade das relações interpessoais, que requer, de modo incondicional a todos os frades, a renúncia a qualquer tipo de poder. Para Francisco, sem liberdade, sem criatividade e sem responsabilidade, não existem autênticas relações fraternas: *De qualquer modo que te parecer que agrada ao Senhor Deus, e seguir seus vestígios e pobreza, que o faças com a bênção de Deus e a minha obediência* (CtLe 3).

38. As dificuldades experimentadas por Francisco nas relações fraternas tornam credíveis as palavras que ele dirige a um frade que lhe pediu ajuda: os problemas fraternos não se resolvem fugindo para um ermo. Não querer que os outros sejam melhores cristãos exige renunciar que o outro responda às minhas expectativas, que se comporte como eu faria em seu lugar. Somente assim, abrem-se espaços de gratuidade que nos libertam da ânsia de domínio. O segredo para viver à altura destas exigências está na contemplação, espaço irrenunciável no qual os nossos olhos se enchem de misericórdia: *Que não haja nenhum frade no mundo, que tenha pecado tanto quanto puder pecar, que, depois que tiver visto teus olhos, nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia* (CtMi 9).

III. III. A Igreja

39. *E o Senhor me deu tão grande fé nas igrejas* (Test 4). A fidelidade criativa e a pertença marginal do projeto franciscano dão um novo ar evangélico à Igreja. Santa Maria dos Anjos, a

Porciúncula, berço de nossa Ordem, é rodeada de profundas conotações afetivas: aqui nascem os frades menores e as irmãs pobres; aqui, a fraternidade se reúne em torno a *Maria, feita Igreja* (SdVM 1). Este espaço de encontro e de repouso, memória das origens, é, segundo Celano, o lugar mais amado por Francisco. A Porciúncula recorda sempre aquilo que é pequeno e essencial, é o modelo da eclesiologia franciscana e o sacramento de uma igreja de irmãos que anunciam o Evangelho vivendo em fraternidade.

40. *Nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e seu santíssimo sangue* (Test 10). A Igreja, corpo místico de Cristo, nasce da Eucaristia. É o símbolo que resume toda a vida e a mensagem de Jesus: a dedicação e o dom gratuitos. O lavar os pés, o gesto fundacional da Igreja, evidencia o seu significado e a sua vocação mais profunda: o serviço como modo específico de ser no mundo. Trata-se de uma autêntica experiência de amor e de justiça, na qual ver e tocar o corpo de Jesus nos ajuda a vê-lo e tocá-lo no corpo dos pobres e, deste modo, desmascarar qualquer falsidade espiritual. A Eucaristia é, para nós, *“fonte da vida eclesial e raiz, eixo e coração de nossa vida fraterna”* (Const 48,1).

41. O sentido da Igreja não é o de anunciar si mesma, mas o de ser anúncio de Jesus. A dimensão missionária está no coração do nosso projeto: ser capuchinho significa estar disposto a ir aonde ninguém quer ir. Sempre segundo o estilo de Francisco, que se pôs a caminho para encontrar o sultão Al-Kamil e construir a paz por meio do diálogo e do respeito. Dele, aprendemos que o Evangelho não se impõe, propõe-se, e toma como ponto de partida o reconhecimento da verdade que habita no outro. O testemunho da nossa vida fraterna é, sem dúvida, o modo mais credível para anunciá-lo: *quando vão pelo mundo, não litiguem nem contendam com palavras, nem julguem os outros; mas sejam amáveis, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando a todos honestamente, como convém* (RB 3,11).

III. IV. O mundo

42. Deus pôs o mundo em nossas mãos: fora dele, não há salvação. As nossas estruturas socioeconômicas e culturais estão em processo de transformação. Existem desafios inadiáveis: pôr fim às escandalosas desigualdades que excluem grande parte da humanidade, realizar um desenvolvimento sustentável que respeite o ambiente, encontrar modos de diálogo entre as diversas religiões, para que Deus não seja o pretexto para nenhuma guerra, construir uma sociedade na qual a interculturalidade seja a nossa maior riqueza. Tudo depende de nós.

43. Somente com o amor podemos tratar os desentendimentos e as feridas do mundo, favorecendo uma cultura do encontro, que rompa a lógica da posse e do domínio, e nos forme na lógica da gratuidade. Trata-se de passar do *direito a ser ao dom de ser*, superando assim a fragmentação amigo/inimigo, incompatível com a espiritualidade franciscana, que reconhece no outro um irmão, jamais uma ameaça.

44. A nossa maneira de compreender a pobreza aprofunda as suas raízes na experiência da gratuidade e da interdependência, que favorece, de modo natural, uma cultura da solidariedade que ajuda a recuperar o sentido comunitário da existência. Os novos tempos exigem que abandonemos a cultura do consumo e proponhamos novos estilos de vida sustentáveis, conscientes da fragilidade do ambiente e da vida dos pobres. Ainda é possível um mundo sem muros, sem guerras, sem pobreza. As estruturas devem favorecer o encontro com as pessoas, e jamais devem sufocar a nossa criatividade carismática: o que somos, e não o que temos, é o melhor tesouro que podemos oferecer.

IV. O CÂNTICO

*Louvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam por teu amor,
e suportam enfermidades e tribulações (CSol 10)*

45. Bem-aventurada a luz da lua e do sol. O *Cântico das Criaturas* é a música de fundo que acompanha Francisco durante toda a vida. Brota luminoso ao fim de seus dias, na noite mais escura. O poema é expressão simbólica da sua profunda experiência de sofrimento físico e espiritual. Por meio de uma linguagem sacra, Francisco exprime a si mesmo, no mesmo momento que faz de suas palavras uma expressão da harmonia do mundo. Tudo canta o poder, a beleza e a bondade de Deus, o mundo se manifesta belo na sua simplicidade, as criaturas existem de maneira gratuita, distantes do desejo de possuir. Reconciliação do homem consigo mesmo, com os outros, com o universo e com Deus: este é o Cântico, uma celebração alegre da vida, do perdão e da paz.

IV. I. A cegueira

46. Francisco jamais vê como realizado o sonho de paz de sua viagem a Damietta. As cruzadas sempre acabam mal. A este sentimento de fracasso, soma-se uma doença dos olhos, que termina por deixá-lo completamente cego: conjuntivite tracomatosa, uma dor insuportável que oprime o nervo óptico e torna intolerável a presença da luz.

A este sofrimento, soma-se ainda outro maior: o aumento do número de irmãos convictos de que o Evangelho não seja suficiente para guiar a vida. Querem normas práticas que possam orientá-la com maior precisão, pedem regulamentos e glosas para cobrir a nudez do Evangelho.

Francisco, cego fisicamente e cheio de sombras dentro de si, encontra-se submetido a uma forte tensão entre as exigências de muitos irmãos e a defesa da sua intuição original.

47. O desânimo e as dúvidas pesam no coração de Francisco. Deseja ver e não pode. Não sente ter a força e a clareza necessárias para guiar os frades. Renunciando ao seu papel de guia espiritual, no fim, foge. Distante dos frades, refugia-se num ermo. De novo, como em anos passados, a

cegueira existencial o inunda totalmente, as sombras crescem e acontece algo mais triste: a doçura de viver em fraternidade transformou-se em algo de amargo.

48. Quando a tentação de voltar atrás é sempre maior e sente que perdeu as pegadas do Mestre, Francisco retorna ao silêncio e, tocado por este de novo, escuta, como no início do seu caminho, a Palavra do Evangelho: Jesus o convida ao despir-se, à confiança, à coragem das origens. Neste momento da vida, deve travar uma última batalha, a decisiva: renunciar ainda uma vez, definitivamente, a ser cavaleiro, abandonar toda forma de domínio e de poder. O Evangelho o impulsiona a retomar a trilha do único caminho: a fraternidade.

IV. II. A ferida

49. Francisco não esquece que tudo começara com um beijo. As feridas dos leprosos curaram as feridas do seu coração, e tinha sido entre eles que ele fez os primeiros passos na sua vocação de irmão. Também Jesus, o Mestre, fez-se discípulo de uma mulher ferida, e aprendeu dela a arte de lavar os pés. Assim funciona a gratuidade: dar sem esperar retribuição, dar pela alegria de dar, dar tudo, sem reservas.

Quando os conflitos fraternos são mais tensos e suas feridas se abrem novamente, Francisco, em sua memória, recupera a história daquele beijo e, ainda uma vez, aí encontra a sua cura.

50. As chagas no corpo de Francisco são as marcas de Jesus, os sinais de sua identidade: o amor o torna igual ao Amado. O significado é claro: quando você toca e ama os homens, você toca e ama Jesus. E ele toca e ama você. Tudo volta a ter significado. Tudo – até a fragilidade dos frades – é visto como graça. No seu próprio corpo, agora chagado como o corpo de Jesus, Francisco chega a uma certeza: não é possível viver sem irmãos. Sem eles, não há Deus.

IV. III. A alegria

51. Todos buscamos ser felizes: é uma tendência inata, sem a qual não é possível viver. Contudo, não faltam propostas de alegria a baixo custo, uma alegria instantânea, leve. É uma felicidade desvalorizada, uma falsa alegria que desemboca na desilusão, na frustração e na tristeza.

Na narrativa da *Verdadeira alegria*, Francisco abre o coração e nos oferece a sabedoria da sua vida: *a verdadeira alegria não consiste no sucesso*. É necessário tempo para compreender a profundidade deste pensamento, uma vez que parece que a experiência diga o contrário: isto é, que somente no aplauso, no reconhecimento, na satisfação, é natural se sentir contente.

52. Como pode agir um frade menor quando não se vê estimado pelos irmãos, quando o consideram de pouca importância, quando não se sente amado por eles? A resposta de Francisco surge da sua própria experiência. Nisto está a verdadeira alegria: se o seu coração não se perturba, se perseverar em sua vocação de continuar a ser irmão de todos, sem se apropriar de nada (nem mesmo daquilo que pensa merecer), então você terá para sempre vencido as sombras da tristeza.

53. A origem e o horizonte da alegria franciscana estão no encontro com Jesus. A experiência da Páscoa – o encontro com o Ressuscitado – abre as portas da vida rumo a uma Vida aberta a todos, dá-nos forças para não renunciar ao sonho de uma fraternidade de irmãos que caminham no mundo oferecendo um estilo de relação inclusiva, livre e fonte de liberdade. De modo especial, a relação com os pobres nos faz chegar ao coração do Evangelho, e nos faz ver que, realmente, *aquilo que somos diante de Deus, isso somos e nada mais*. O seu amor incondicional e fiel é a razão da nossa verdadeira alegria.

IV. IV. O Testamento

54. Quando se aproxima o fim da vida, cresce a consciência de que Deus é bondade: *Deus é o Bem, o Sumo Bem, o Bem total*. Mesmo as feridas e os limites existenciais fazem parte da nossa condição de criaturas, e não ofuscam a consciência em compreender que tudo o que foi vivido foi recebido de graça. Somente baseando-se nesta confiança, a morte se transforma em irmã.

55. Pouco antes da morte, Francisco pede que lhe seja lida a narrativa do lavar os pés (Jo 13), e é aí que entrega aos frades a sua última vontade: amor gratuito, fidelidade à Pobreza e obediência à Igreja. Não se apropria de nada. Cheio de gratidão, restitui tudo o que recebeu. A irmã morte não lhe tira coisa alguma, pois, quando vai encontrá-la, ela encontra somente seu corpo nu sobre a terra nua e, em seus lábios, o Cântico. Assim morre Francisco: nu e cantando.

56. No Testamento, Francisco nos entrega a sua memória e os elementos mais importantes da nossa identidade. Os primeiros Capuchinhos buscam compreender São Francisco a partir deste texto, por isso foram chamados de *os frades do Testamento*. Para nós, a *reforma* constitui um ulterior elemento carismático. A nossa fidelidade consiste em não nos cansarmos de crer que o sonho do Evangelho é possível. E retornar à Porciúncula, junto à Mãe, Santa Maria dos Anjos, coração da nossa fraternidade, para não esquecer que o significado da nossa vida é cantar e caminhar. Começemos, irmãos.